



Língua vs Cultura:

Diferenças linguísticas e a aproximação-distanciamento entre Angola e Brasil¹

Eufrásia Nahako SONGA²

Luciene de Oliveira DIAS³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este artigo é um trabalho sobre língua na perspectiva cultural, cujo fim é mostrar o quanto o comportamento, os hábitos e costumes de cada grupo influenciam a sua realidade sociolinguística e suas interações comunicacionais. Através da apreciação de vários autores e de exemplos práticos referentes às sociedades brasileira e angolana, a língua é aqui apresentada como um elemento inseparável da cultura. A questão colocada é que a pessoa fala sempre a partir de uma posição cultural específica. Chega-se à conclusão de que a língua faz mediação entre a cultura e o mundo da realidade e que ela é para aqueles que a falam, o fator determinante que organiza a sua visão de mundo. Torna-se, assim, imprescindível certa relativização face à diversidade linguístico-cultural existente.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; identidade; diálogo; línguas nacionais angolanas.

Cada língua carrega consigo um modo de ver, sentir e agir no mundo. Daí a diferença de língua e linguagem entre uma região, localidade ou país e outro. O que pretendo discutir aqui é o pensamento de que língua e cultura são interdependentes e co-construtoras de significações e simbolismos por serem instrumentos vivos e em constante movimento. O linguista Marcos Bagno (2009b), ao apresentar o que chama de mitos que compõem a imagem negativa que o próprio brasileiro tem de si e da língua falada no Brasil, afirma que muitas coisas que para os brasileiros são perfeitamente lógicas e naturais, para os portugueses, e aqui vale a pena acrescentar outros povos, não fazem sentido ou fazem um sentido diferente do que os brasileiros atribuem a elas (Bagno, 2009b, p. 40). Isso comprova e justifica o fato da língua ser viva e mudar o tempo todo, chegando até mesmo a apresentar diferentes formas de falar (sotaques) após seu aprendizado. Outra justificativa é que, devido a interesses que na maioria das vezes não ultrapassam a diversidade geográfica, algumas culturas são consideradas inferiores a outras, uma vez que “cada povo crê na superioridade do seu idioma” (Saussure, 2001,

1 Trabalho apresentado no IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

2 Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da FACOMB-UFG. email: eufrasonga@hotmail.com

3 Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FACOMB-UFG. email: lucienediasj@gmail.com.br



p. 222). Dessa forma, a mesma colocação pode soar lógica e natural para alguns e totalmente irracional para outros, ou seja, aquele que fala outra língua, diferente da nossa, “é facilmente considerado como incapaz de falar” (Saussure, 2001, 222). O modo de vestir, os hábitos alimentares, o comportamento e outras manifestações culturais e comunicacionais, acabam, na sua maioria, sendo tratados com inferioridade. Língua e cultura são, assim, interdependentes uma vez que são acionadas para atender “às necessidades linguísticas das comunidades que as usam” (Bagno, 2009b, p. 49). Necessidades estas que se diferenciam muito. Essas diferenças podem ser, por exemplo, “de uso” (Bagno, 2009b, p. 46); o que não é uma “deficiência nem inferioridade”. Variadas situações, como a de compreender e procurar ser compreendido são a prova viva de que pessoas de diferentes culturas se expõem consoante ao que foram expostas ao longo da sua vida. E segue-se o curso das relações humanas complexificadas pelos processos comunicacionais.

Aprofundando na reflexão, diria também que essas diferenças devem-se ao fato de cada um de nós nascer e crescer ouvindo aquilo que o nosso meio nos proporciona, aquilo a que somos expostos o tempo inteiro. A cultura fica, assim, compreendida como o reflexo dos nossos aprendizados, das nossas experiências, enfim, da nossa vivência. Expressamos nossas ideias, ensinamos e aprendemos por conta da cultura e por meio disso criamos certa especificidade linguístico-cultural, esta que somente é notável por ser um produto da nossa vivência. Trago aquilo que estudiosos entendem como vivido, diferenciadamente da vivência. Ao oferecer possibilidades de respostas, a antropóloga Luciene Dias apresenta a vivência como sendo aquilo que “nos habilita a falar da própria vivência e assim, construir saberes ou narrativas sempre locais, embora perfeitamente universalizáveis” (2011, p. 68), atentando ao fato de sempre falarmos ou nos posicionarmos em função da existência do outro; e o vivido, ou simplesmente a experiência de vida, é apresentado em termos de representação, como aquilo que somente faz sentido no processo de produção coletivo se andar junto com o saber e “um interferindo na forma de existência do outro” (Dias, 2011, p. 74). Aqui é possível afirmar que os conceitos apresentados são espelhados e reproduzidos pela cultura, por compreenderem sempre os processos de produção das experiências, uma vez que tanto a vivência quanto o vivido nos permitem retratar o mundo em função daquilo que fomos habilitados a ver nele. Nossos costumes, nossas crenças, tradições e leis, tudo isso contribui para aquilo que conceituamos por nossa cultura; a maneira como vemos e



agimos no mundo - aquilo que o antropólogo Roque Laraia, ao concordar com a definição de Edward Tylor (1871), apresenta como sendo “todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética” (Laraia, 2001, p. 28). As diferenças genéticas não determinam as diferenças culturais dos grupos, nem tampouco a localização geográfica condiciona a diversidade cultural. É comum existir uma grande variedade cultural localizada em um mesmo “ambiente físico” (Laraia, 2001), o que pode ser visto na maneira de falar, nas danças, no vestuário e em muitas outras manifestações de cultura.

Uma das formas de transmissão da cultura é a língua, lembrando que esta língua é aquela que a pessoa fala todo dia e não uma segunda língua ou língua estrangeira, cujo uso é feito somente em instituições ou estabelecimentos direcionados, como no trabalho, na igreja, na escola ou somente em casa. Além disso, vale frisar que qualquer língua pode ser uma língua de cultura, sem que tenha de caber unicamente ao país de origem ou à cultura do país onde é falada. Atribuímos a esta língua de cultura um conjunto de elementos que constituem a linguagem falada ou escrita. Cada idioma, termo que “designa com muita precisão a língua como algo que reflete os traços próprios de uma comunidade” (Saussure, 2001, 221), é expressivo, embora nem todos saibam se expressar por ele. A língua é um meio de identificação que a pessoa (diferentemente da noção de indivíduo, que se prende a um elemento ocidental de análise) carrega. A noção de pessoa, da ideia de *Eu*, “uma das categorias do espírito humano” (Mauss, 2003, p. 369) foi construída socialmente, sendo que há uma série de formas que esse conceito assumiu na vida humana, das sociedades, com base em seus direitos, religiões, costumes, estruturas sociais e mentalidades. O percurso se realizou “de uma simples mascarada à máscara; de um personagem a uma pessoa, a um nome, a um indivíduo; deste a um ser com valor metafísico e moral; de uma consciência moral a um ser sagrado; deste a uma forma fundamental do pensamento e da ação” (Mauss, 2003, p. 397). Pensamento este que fundamenta seu direito à palavra, à liberdade de criação e expressão.

A primeira seção deste artigo argumenta sobre a língua como o instrumento de construção cultural de cada povo. Afinal, a comunicação só toma lugar por meio de códigos. Estes códigos formam a língua e por meio desta as pessoas contam os acontecimentos ou partilham suas experiências. A narrativa dessas histórias acaba promovendo certa dinâmica comunicacional entre os membros que compõem a mesma



cultura. É sabido que cada língua carrega certa expressão cultural (Bagno, 2009b). Razão pela qual, a segunda seção aborda a criação de cada língua pelas diversas culturas, pautando pelo fundamento de que cada povo tem a sua língua e linguagem cultural. Já em um terceiro momento, a língua é apresentada como sendo o elemento primordial para a identificação da cultura. Cada idioma reúne características que somente pessoas que partilham as mesmas experiências usam para se afirmar e, por meio disso, elas se identificam. Por último, apresentam-se algumas consequências sociais provocadas pela realidade linguística de cada povo, com ênfase em aspectos referentes à sociedade angolana.

É em decorrência dos aspectos citados acima que considero o assunto *língua como cultura* como sendo de extrema seriedade no universo ocidental⁴. Atento ser uma discussão que fornece evidências que confirmam que língua e cultura sobredeterminam-se mutuamente. Na verdade, língua e cultura não se separam. Língua é cultura, expressividade e meio de comunicação. Diversos estudos, como as doutrinas linguísticas do clássico Saussure, provam esta hipótese. A “tendência natural dos falantes” (Saussure, 2001, p. 222) condiciona as pessoas a se expressam culturalmente.

Tomar a palavra

Apesar de não existir verdade absoluta, é possível afirmar que a língua é um instrumento, indispensável, para transmissão de hábitos culturais. Contudo, é necessário que haja comunicação interativa para a difusão de uma cultura. Na concepção de González (2002, p. 70), a maior parte da cultura é expressa em pensamento e transmitida pela palavra. Daí ser possível afirmar que toda transmissão que não envolva a tomada da palavra, no sentido emancipatório proposto por Paulo Freire (2007), acaba sendo incompleta. Isso porque a comunicação nada mais é do que um processo cultural e “não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (Laraia, 2001, p. 52). Ao contar ou descrever os fatos, o indivíduo não somente passa a informação ou expõe o acontecimento, como também transmite aos demais o que e quem ele é e quais são os seus ideais. Na

⁴ O termo ocidental deve ser entendido, nesse contexto, como um conjunto de ideias, um discurso construído pelo esforço humano e não como área geográfica. Ideias, que comparando à vasta abordagem sobre o oriente, se caracterizam pelos recorrentes culturais. Vale lembrar que é no oriente, em oposição ao ocidente, onde se encontra uma das suas mais profundas e recorrentes imagens do outro.



transmissão cultural, para tanto, esse aspecto não é uma exceção. Pelo contrário, é essencial.

A transmissão cultural por meio da língua começa na infância. Brinquedos e brincadeiras tradicionais infantis, muitas vezes, não são transmitidos às crianças. No lugar destas coisas são oferecidos produtos culturais de consumo do momento. Versões de mitos, narrativas e histórias, cuja ferramenta de difusão principal é a língua, são um dos métodos principais. A criança acaba, assim, aprendendo questões culturais por intermédio da escuta e do exercício da palavra também, para construção e posterior transmissão de experiências. Apesar das diversas práticas, como imagens, modos alimentares, maneira de vestir, rituais tradicionais, música, dança e outros aprendizados, o idioma é indispensável para a transmissão de uma cultura. A língua é “difusora de cultura” (Fonseca, 2012, p. 15) e ela facilita a comunicação entre os membros da mesma. É uma forma de expressão cultural, onde construímos conhecimentos, sonhos e angústias que não encontram mais o mesmo sentido de antes.

Língua enquanto criação cultural

Cada língua é uma cultura. A língua se desenvolve naturalmente consoante a realidade do povo. É o caso dos povos: brasileiro, angolano, moçambicano, guineense, cabo-verdiano e outros que, apesar de terem o mesmo colonizador e herdado a língua portuguesa dos portugueses, cada um criou a sua própria língua devido às diferenças culturais. Em cada ritmo, nós criamos novas palavras/códigos alicerçados ao nosso “vivido” e ressignificados pela nossa “vivência” (Dias, 2011, p. 68). O Brasil é diferente de Angola em termos linguísticos, considerados aqui o que pode ser chamado de calão, gíria ou jargão. Ambos os países possuem termos criados e desenvolvidos pela influência cultural. Em um exercício comparativo, o termo *kamba*⁵, que significa amigo, é proveniente de uma das línguas nacionais de Angola, chamada Umbundo. O Umbundo é uma língua falada pelo principal grupo étnico bantu de Angola, os Ovimbundo. O vocábulo *kamba* é usado para e por pessoas muito próximas e/ou amigas ou da mesma faixa etária, como forma de tratamento. Costumo compará-lo a palavra *véi*, gíria brasileira, que significa velho amigo ou simplesmente amigo chegado. Um estrangeiro ou visitante, por exemplo um brasileiro em Angola, neste caso, acaba não entendendo a palavra *kamba* caso não se aculture ou não seja exposto à aprendizagem

⁵ Gíria, proveniente do Umbundo (uma das mais de dez línguas nacionais de Angola).



da mesma, sendo que a recíproca é verdadeira, uma vez que o mesmo acontece com o angolano que chega ao Brasil. Daí a aparição dos processos de estigmatização e discriminação. Essas causas tomam lugar pelo fato de, muitas vezes, o falante desconhecer a dialética de que cada cultura cria a sua língua. Por esta razão é que quando duas ou mais pessoas, ao se comunicar, apresentam variações linguísticas, ou quando simplesmente o “bom dia” difere do “bom djia”, a sociedade atribui a isso o nome de comunicação custosa, complicada, enfim... “enrolada”. Ostentar uma variação linguística diante do padrão linguístico, estabelecido e seguido pela sociedade, exige o exercício da flexibilidade todos os dias, o que não significa ser fraco ou não ter personalidade.

Lembro-me do momento em que o *The end* da apresentação de dança, numa noite, em certa escola de arte, havia chegado. O instante era de despedida, quando alguém se aproximou e perguntou de que lugar eu e minha amiga éramos. Ao responder, a expressão: “Entendi. Por isso é que vocês falam enrolado” foi solta. Minha amiga não suportou e acabou usando uma de suas poderosíssimas armas - a palavra. “Ou você entende enrolado” - atirou ela! Este disparo ecoou a luta pelo despertar da diferença de pronúncia entre pessoas de países diferentes e inclusive dos diversos estados nacionais. O fato é que existem vogais e consoantes que os nossos ouvidos “custam a reconhecer, porque não fazem parte do nosso sistema fonético” (Bagno, 2009b, 40). Além disso, apenas tomamos consciência da nossa língua no instante em que nos defrontamos com outra(s) língua(s), porém, nada pode nos impedir de conquistarmos e reconquistarmos o direito de dizer a palavra, independentemente do lugar.

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, para tanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue (Freire, 2007, p. 91).

Fonseca (2012, p. 15) acrescenta que “a língua forma o espectro mais amplo da constituição do conhecimento de si e do outro”. É na palavra que nos é dada a oportunidade do “reencontro e do reconhecimento”, além do “diálogo existencial” (Freire, 2007, p. 20-21), para tomar lugar entre os grupos. Pela palavra expressamos e elaboramos o mundo - em comunicação (esclarecimento do mundo) e colaboração

(construção do mundo comum) - de forma a conscientizar e politizar as relações socioculturais translocalizadas.

Cultura identificada pela língua

A língua é a primeira identificação do ser humano fora de sua cultura. Podia compará-la a um selo, algo estampado em nós, que nos estigmatiza, nos condiciona. Em diferentes ambientes/situações, cada pessoa é identificada, em primeira instância, pelo falar. Quando um brasileiro, por exemplo, sai do Brasil para o exterior é, pela comunicação oral, facilmente identificado, devido à variação linguística, sem que tenha que necessariamente se afirmar como estrangeiro. O antropólogo social francês Claude Lévi-Strauss utilizou o exemplo da comida para ilustrar esse processo de identificação. Para o estudioso, a cozinha é também uma linguagem por meio do qual “falamos” sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo. A cozinha é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si. Todo alimento, argumenta ele, pode ser dividido de acordo com o esquema classificatório indicado abaixo:

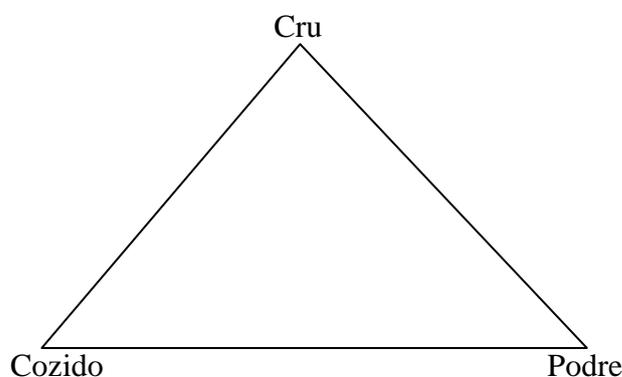


Figura 1: O triângulo culinário de Lévi-Strauss (Woodward, 2000, p. 44)

Para o antropólogo, o ato de cozinhar representa a típica transformação da natureza em cultura. O alimento cozido é aquele alimento cru que foi transformado por meios culturais. O alimento podre é o alimento cru que foi transformado por meios naturais, sendo que, em um exercício de analogia, é possível afirmar que o mesmo acontece com a língua. Lévi-Strauss, citado por Woodward (2000), argumenta que, da mesma forma que nenhuma sociedade deixa de ter uma cozinha, nenhuma sociedade, tampouco, deixa de ter uma língua. Essa língua, por sua vez, é como se fosse



transformada tipicamente em natureza cultural. Tal identificação, muitas vezes, pode provocar problemas no seio do povo quando surgem variações e um choque entre falantes de línguas e culturas diferentes. A exemplo disto temos os termos “bicha” e “rapariga”, que são usados tanto no Brasil quanto em Angola, porém com significados diferentes. A palavra “bicha” para o povo angolano significa fila e seu uso é muito comum. Se uma pessoa angolana dirigir-se a uma garota e chamá-la de rapariga é normal, o que não acontece no Brasil. Afirmar, por exemplo, “aquela garota que está na bicha é linda”, não faz sentido no Brasil, mas são palavras corriqueiras em Angola, “perfeitamente lógicas e naturais” (Bagno, 2009b, 40) e que não levantam equívocos no ato da comunicação, entre falantes da sociedade angolana. Para o povo brasileiro, porém, não tem cabimento; é um conjunto de palavras, não somente com conotações negativas, como também sem sentido ou “fazem um sentido diferente” (Bagno, 2009b, 41). O choque e, também, o questionamento de quem nasce em Angola é: como esses termos tomaram tais conotações totalmente diferentes e negativas? Como é possível o povo brasileiro articular as palavras de uma maneira tão diferente daquela que nos foi passada pelo opressor? São várias as refutações. Todavia, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (citado por Bagno, 2009b, p. 35), publicados pelo Ministério da Educação em 1998 quando se fala em língua e linguagem está se falando de “unidades que se constituem de muitas variedades”. Embora a pessoa esteja o tempo todo exposta a argumentos, como “tu fala diferente cara”, “cê mora aqui há anos e ainda tem sotaque véi?” e muitas outras réplicas, exercitar a infundável *memória de elefante*⁶, para tanto, não é a solução. A chuva de termos expostos como corretos, os jargões, as gírias, o calão local, enfim, aquilo que tanto a sociedade brasileira, quanto angolana padroniza como correto, ou simplesmente a arte de “falar bem e bonito”, não pode ou sequer deve alterar e invisibilizar a posição do outro, como um ser diferente. O que se pretende é que haja respeito pelo “mermão” do outro para que este outro respeite o “dia” (diferente de djia) de outros.

O que me chama atenção é que em meio a tais conflitos culturais, infelizmente, muitos decidem e inclusive acabam por desistir daquilo que (podia chamar) de sua essência, suas raízes, pelo fato de serem pressionados à aculturação ou oprimidos pela cultura dominante o tempo todo. Como se pode apreender da perspectiva de Glória Anzaldúa (2009), o fato de a língua chicana apresentar preferências, influenciadas pela

⁶ Ato de se esforçar a aprender, lembrar e aplicar termos locais.



cultura, faz com que seja considerada deficiente (errada) e órfã - um tratamento totalmente estigmatizado. Por esse e por vários outros motivos, muitas vezes, prevalece um espírito de autoestima comprometida, vergonha e pena nos indivíduos ao cruzar-se com uma pessoa nativa, com medo do que a outra pessoa vai pensar. Ferrari (2006), em afetiva concordância, apresenta o exemplo de outros povos e declara que alguns grupos, como por exemplo, os ciganos, muitas vezes, sofrem discriminações e enfrentam difíceis condições de vida, não só no Brasil como em outras partes do mundo, por não se alinharem à oficialidade da língua. E mais, segundo Ferrari (2006), a opressão é notável no dia a dia. Muitos são expostos ao simples “repita depois de mim” ou a argumentos como: “por estar aqui você deve aprender a pronunciar as palavras como nós falamos” - eu diria, esquecer o seu sotaque, mesmo que o opressor saiba a condição do outro, que pode ser de alguém proveniente de outro país, estado, cidade etc. O preconceito é real e se manifesta toda vez que há identificação linguístico-cultural. Há que lembrar que isto ocorre nas realidades socioculturais tanto angolana, quanto brasileira e este é, sem dúvida, um fator dificultador da comunicação humana.

O impacto da língua na sociedade

Em Angola, quem sai do interior para viver nas chamadas cidades grandes, capitais das províncias (estados), na maioria das vezes, enfrenta dificuldades de quase todos os gêneros (racial, linguística etc.) a partir do contato. Angola é um país diversificado e possui uma população plural. O país tem cerca de duas dezenas (alguns antropólogos e linguistas afirmam serem mais) de línguas nacionais, além da língua oficial, que é o Português - a língua do opressor. Cada província (estado), com exceção do Huambo, de Benguela, do Bié e de alguns municípios da província da Huila, que falam a mesma língua, embora com sotaques (dialetos) diferentes, possui um idioma. Umbundo, Quimbundu (ou kimbundu), Chocué (ou tchokwe), Nhaneka Humbi e Muila, Nganguela, Quicongo (ou Kikongo) e Kwanyama, são algumas dessas línguas. A maior parte dessas línguas, algo em torno de 90%, é de origem Bantu. O Umbundo é a língua nacional com maior número de falantes no país. Seus utentes, o povo Ovimbundo, se concentram no Sul e Centro de Angola. A segunda língua com mais falantes, é o Quimbundo, utilizado pela população localizada no norte e também no centro do país. Embora seja uma língua que tenha legado palavras da língua portuguesa e importado desta muitos vocábulos, é uma língua com grande relevância por ter sido a língua do



antigo reino do Ndongo⁷ ou reino dos N'gola. Além do Umbundo e do Quimbundo, existe a língua Quicongo, que possui vários dialetos e localiza-se no norte do país. A seguir temos o Chocué, que é outra língua expressa tradicionalmente e que tem vindo a sobrepor outras da zona leste do país. O Cuanyama, o Nhanheka e outras línguas são faladas em outras partes do país. Segundo pesquisas, embora as línguas nacionais sejam as línguas maternas de muitos, o português já é a primeira língua de 30% da população angolana, com maior proporção de falantes na capital do país. 60% afirmam usá-la como segunda língua ou aquela exposta em simultâneo com a língua materna. Existe também um número considerável de falantes de línguas francesa e lingala, devido a migração de pessoas vindas da República Democrática do Congo e da República do Congo. Todavia, o uso da língua portuguesa, em oposição às línguas nativas/nacionais, se traduziu num poderoso e violento mecanismo de exclusão, rejeição, invisibilidade e complexo de inferioridade para, principalmente, quem vem das zonas rurais.

Se de um lado, a língua do conquistador foi usada, enquanto estratégia política pelos dirigentes independentistas e pelos Estados africanos nas décadas de 1960 e 1970 com o nítido objetivo de ampliar as suas fronteiras dialogais, comerciais e políticas. De outro lado, o uso dessas línguas também veio a acarretar prejuízos identitários, sociais e subjetivos para a grande massa populacional... (Fonseca, 2012, p. 15).

Infelizmente, diante da “opressão”, é comum observar “oprimidos” aderindo ao opressor. Não que os mesmos não se saibam oprimidos. É que a “aderência ao opressor não lhes possibilita a consciência de si mesmos como pessoa, nem a consciência de classe oprimida” (Freire, 2007, p. 36) e aí ocorre perda de valores, não expressão de juízos e/ou construção do mundo em que a pessoa está inserida. Estes comportamentos vêm se expandindo e sendo cada vez mais padronizados por outras culturas, como a cabo-verdiana, onde, segundo cidadãos nacionais, usar um termo brasileiro é considerado “chique”. Para alguns angolanos, quanto mais a dicção se aproximar da portuguesa, melhor. É sinônimo de intelectualidade.

A adoção da língua do antigo colonizador como língua oficial foi um processo comum à grande maioria dos países africanos. No entanto, em Angola deu-se o facto pouco comum de uma intensa disseminação do português entre a população angolana, a ponto de haver uma expressiva parcela da população que tem como sua única língua aquela herdada do colonizador. São vários os motivos que explicam esse fenómeno. O principal foi a implantação, pelo regime colonial português, de uma política assimiladora que visava a adoção, pelos

⁷ Nome de um estado pré-colonial africano em Angola, liderado por um rei cujo título era *Ngola*, que deu origem à palavra Angola. Os registros mais antigos deste reino datam do século XVI.



angolanos, de hábitos e valores portugueses, considerados "civilizados", entre os quais se encontrava o domínio da língua portuguesa. (Fonte: <<http://forum.angolaxyami.com/linguas-de-angola/15206-linguas-de-angola-grupos-eticos-e-linguas-nacionais-promocao-das-linguas-nacionais.html>>. Acesso em: 12 de jan. 2013).

Freire (2007) alega ser um engano pensar que atitudes do gênero correspondem àquilo que caracteriza um “homem novo”. O que ocorre é uma perda progressiva da identidade sócio-cultural, do sentimento de pertença étnico-cultural. Alienar-se ao colonizador não é um processo de civilização, antes pelo contrário, é um artifício que nos distancia do enorme grupo que não domina a escrita e a fala oficial da língua portuguesa. Não obstante, é preciso que tais oprimidos, se “entreguem à práxis libertadora” (Freire, 2007, p. 39), aquela que lhe permite posicionar-se como ser diferente diante da diferença, para que se alcance autenticidade, para que se tenha voz, se crie, se recrie e se transforme o mundo.

Implicações da realidade linguística

A língua não é homogênea e deve ser entendida justamente pelo que caracteriza o ser humano – a diversidade e a possibilidade de mudanças, que se manifestam em cada cultura devido à evolução da própria língua. Lembrando que quando há identificação cultural em determinado grupo, a realidade linguística também vem à tona e provoca sequelas. A pessoa, ao afirmar-se como africana, americana, europeia, asiática, carrega diferenças que condicionam a diversidade cultural, ou seja, quando a pessoa se afirma angolana ou brasileira, assume sua concreta condição linguístico-cultural e, automaticamente, promove o prestígio de sua língua e usufrui de seus direitos linguísticos. Isto acontece principalmente com os falantes das chamadas “línguas minoritárias” (Bagno, 2009a), aquelas faladas por uma minoria étnica de certa região. O reconhecimento da realidade linguística tem sempre “implicações políticas e culturais profundas”, a exemplo de alguns grupos que, para se afirmar, se apropriaram de certo título (nome da língua + região/país) que reflete a realidade linguístico-cultural desta, como os conhecidos Português de Portugal, Espanhol Chicano, Inglês Britânico e vários outros.

Outra consequência diz respeito à educação do povo, que se torna “bilíngue ou plurilíngue nas áreas onde muitas línguas são usadas” (Bagno, 2009a). O ensino passa a se basear na cultura da população. Fonseca (2012) explica que a língua portuguesa, em



Angola, apesar de opressora e vinda de um processo impositivo, é defendida por alguns estudiosos angolanos como sendo aquela adotada e usada como unificadora em muitos contextos (escola, igreja, local de trabalho etc.). Outros alegam que apesar do português facilitar a comunicação entre pessoas de diferentes origens étnicas no país, ela não é a língua que expressa os sentimentos e os desejos do cidadão. Enfim, o país ainda enfrenta dificuldades de inserção das línguas nacionais no processo de aprendizagem, mas apesar das divergências de opiniões entre os pesquisadores, sobre a implantação destas línguas no processo educativo, e embora vários aspectos concernentes a transmissão de conhecimentos em línguas nativas no país ainda causarem controvérsias e estarem em análise, algumas escolas, em algumas províncias (estados) e/ou comunidades do país já usufruem de um ensino plurilíngue. É relevante saber, de antemão, que

durante o período colonial, o uso das línguas nacionais estava praticamente circunscrito ao ensino do catolicismo. Contudo, a língua portuguesa não conseguiu fixar-se em todo o território devido à limitada utilização que as populações africanas dela faziam, principalmente nas zonas rurais, permanecendo as línguas nacionais relativamente intactas. Com a independência do país, essas línguas adquirem o estatuto de línguas nacionais, coexistindo com a língua portuguesa como veículos de comunicação e expressão, teoricamente em pé de igualdade. Com vista à valorização, utilização e promoção das línguas locais, o Instituto de Línguas Nacionais de Angola fixou normas ortográficas dos idiomas chocué, quicongo, quimbundo, gangela, cuanhama e umbundo, estudando os aspectos fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, lexicais e semânticos. Os resultados deste trabalho de investigação serviram de base à elaboração de material didático para a futura introdução destas línguas no ensino primário, em paralelo com o português. (Fonte: <<http://forum.angolaxyami.com/linguas-de-angola/15206-linguas-de-angola-grupos-etnicos-e-linguas-nacionais-promocao-das-linguas-nacionais.html>> Aceso em: 12 de jan. 2013).

A inserção das línguas nacionais no ensino angolano nada mais é do que uma defesa da importância dos valores culturais, éticos e morais para a formação da sociedade. Apropriar-se destas línguas na transmissão de conhecimentos, e fundamentalmente no processo comunicacional, não põe em causa a oficialidade da língua portuguesa que, por sinal, é a língua do opressor. Pelo contrário, contribui, e muito, para o enriquecimento da cultura.

A criação de “meios de comunicação em diversas línguas” (Bagno, 2009a) é também uma das implicações. Angola adotou uma maneira de inclusão e cidadania



prestada a toda a população. Com a criação da emissora de rádio Ngola yetu⁸ (Nossa Angola), um dos veículos que emite, diariamente, programas e notícias em sete línguas nacionais, isto é, nas línguas mais faladas, o acesso à informação foi facilitado. Outro meio de comunicação vivente é a TPA (Televisão Pública de Angola). Por ser a única cadeia televisiva pública do país, pensou, de modo geral, nas populações que não falam Português e naquelas que preferem ouvir as notícias em línguas nacionais, em exibir as notícias que fazem manchetes na sociedade angolana e no mundo nas diferentes línguas nacionais. Milhares de pessoas espalhadas pelo território angolano, de Cabinda ao Cunene e do Mar ao Leste (de uma ponta a outra), conseguem ter acesso a esse Boletim Informativo. É uma iniciativa que tem contribuído para a propagação da informação em Angola, tendo em conta a vastidão e diversidade cultural do país, pois, segundo González (2002, p. 71), a língua faz mediação entre a cultura e o mundo da realidade; ela é para aqueles que a falam, o fator determinante que organiza a sua visão do mundo. É a partir desta que o ser humano adquire conhecimento e toma consciência da diferença entre a sua e outras culturas. É através da língua que ele dá e recebe informação, formando, com isso, o seu caráter e sua personalidade, o seu pensamento e, por conseguinte, sua maneira de agir no mundo. Não é possível se identificar com uma cultura e não se identificar com a língua da mesma cultura. Mesmo vinda de outro país (por exemplo, do antigo colonizador), a língua acaba caracterizando toda e qualquer pessoa e cabe a cada uma valorizá-la, afinal é a nossa forma de expressão.

Em suma, os aspectos relevantes de uma cultura facilitam o aperfeiçoamento da competência intercultural do falante, já que somente a aprendizagem da língua não é sinônimo de sucesso para essa compreensão. É no encontro eu-outro que tomamos consciência de quem e do que somos. Há sempre diferença entre a língua utilizada por grupos de culturas diferentes, como a diferença de sotaques. Deve, porém, haver certo relativismo cultural, para que haja respeito pela diferença e respeito mútuo, cômicos de que a diversidade cultural é vasta e a estigmatização de línguas e/ou comportamentos não congruentes aos nossos é uma ação que desumaniza. Daí a importância de intercâmbios culturais e estudos sobre a temática. Uma proposta de continuidade a este trabalho é realizar um mapeamento de canais e mídias que propõem o respeito à diversidade sociolinguística existente nos países em voga - Brasil e Angola.

⁸ Expressão proveniente da língua Quimbundo.



Referências

- ANZALDÚA, Glória. *Como domar uma língua selvagem*. In.: **Cadernos de Letras da UFG**. Niterói, n. 39, p. 305-318, 2009.
- BAGNO, Marcos. *A falta de senso do censo*. In.: **Caros amigos**. Ano XIII, n.153, p. 10, dez./2009a.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz. 51. ed. São Paulo: Loyola, 2009b.
- BARTHES, Roland. **Elementos da Semiologia**. 6. ed. Paris: Cultrix, 1964.
- DIAS, Luciene de Oliveira. *O saber pelo vivido: Um exercício para ressignificar comunicação e cooperação*. In.: LUCENA, A. Freire de, CARVALHO, C. R. Rosal e VIEIRA, N. de Moura (orgs.). **Cooperação e Inclusão Social**. Goiânia: PUC Goiás, 2011.
- FERRARI, Florença. *Ciganos Nacionais (National Gypsies)*. In.: **Acta Literal**. n. 32, p.79-96, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2007.
- FONSECA, D. José. *As línguas nacionais e o prestigioso português em Angola*. In.: **Anais do SIELP**. n. 1, p. 18, 2012.
- GONZÁLEZ, N. E. K. de. *As línguas não são barreiras, são pontes comunicação em português e em espanhol*. In.: **Alcance**. v.9, n.1, p. 69-79, junho 2002.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MAUSS, Marcel. *Uma Categoria do Espírito Humano: A noção de pessoa, a de “Eu”*. In.: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SAUSSURE, de Fernand. **Curso de Linguística Geral**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.